

Não foi o que desejámos: notas para a **Sopro** possível

O ano lectivo de 2019/20 iniciou-se como habitualmente e com expectativas relativamente à qualidade e diversidade dos estudantes seriados para a especialização em Escultura do Mestrado em Artes Plásticas (MAP.E.FBAUP). Nenhum dos estudantes da turma se conhecia, como é comum em programas de pós-graduação. A Mostra Curricular **UmPontodeSituação19|20**¹ permitiu a fruição presencial e também a demonstração dos laços já iniciados entre o grupo, num convívio e partilha académicos muito salutares e profícuos para os seus percursos. As formalizações e materializações plásticas da **Isabel Dores**, da **Pilar Mackenna**, da **Letícia Maia**, da **Clarice Cunha** e do **Rui Mota** com formações, experiências e origens distintas, bem como os temas, questões, preocupações e valias, potenciaram a diversidade das experiências concretizadas até janeiro de 2020, e decorrentes dos seus planos individuais de trabalho com estruturas, dinâmicas e pressupostos diversos e, por vezes, complementares.

Foi um primeiro ponto de situação. Uma passagem do 1º para o 2º semestre com grande motivação e avanços muito positivos. Tudo corria bem: os projectos e ideias eram muitas; deu-se continuidade e iniciaram-se novos trabalhos; as aulas decorriam dentro das estratégias pedagógicas programadas. A exposição efémera, **MAP.Descongelar 0.2020**², decorrente da residência na Diamond-Pure-Clear-ICE, trouxe à FBAUP um inédito **Sopro** de frescura, ainda no Inverno. A efemeridade das esculturas em gelo abriu mais possibilidades matéricas, processuais e temporais: uma exposição cuja duração depende da temperatura e de procedimentos e bastidores bem distintos daqueles que nos são mais familiares. Os estudantes cruzaram-se com os colegas do 2º ano e de outras especialidades do MAP, individualmente e em grupo, numa actividade promovida em equipa: docentes, técnicos e uma empresa privada.

Tínhamos ainda mais três actividades previstas, sem incluir as exposições individuais dos estudantes, subsequentes ao enunciado no programa da UC Estúdio em Escultura: a Residência e formação em vidro soprado, no CENCAL da Marinha Grande, que organizamos todos os anos; a exposição coletiva integrada na Bienal Internacional de Vila Nova de Cerveira, com o MAP em representação da FBAUP; a 3ª Estação do CEM³, entre Março e

¹ <https://www.fba.up.pt/2020/01/13/pontodesituacao/>

² <https://www.fba.up.pt/2020/02/20/map-descongelar-0-2020/>

³ <https://cem.fba.up.pt/>

Maio, que contempla colaborações com os estudantes e uma programação assente na diversidade de investigação enquadrada na missão do MAP e da FBAUP.

Entretanto, no final de fevereiro surgem notícias da aproximação da pandemia e os primeiros dias de março divulgam o estado de emergência nacional e conseqüente confinamento. Mais mudanças, alterações e ajustes, mas, agora para todos: um choque, um relâmpago que alterou, em tudo, as nossas vidas. Facilmente, se entenderá a impossibilidade de lecionar, Artes Plásticas, Escultura, e, concretamente, a UC Estúdio em Escultura, quando privados de quase tudo o que faz parte dos processos, mas também dos resultados.

Sem acesso a oficinas, sem o apoio presencial, sem as ferramentas, sem a interajuda vivida em direto e em contacto, tivemos que adaptar, rapidamente, a vida e uma realidade académica para a qual nenhum de nós estava preparado. O agora, o hoje, tornou-se distinto, sempre em casa, com e através de monitores. Este grupo deixou de passar todo o tempo disponível no Estúdio, a sala PE201, onde centralizava o seu trabalho e acedendo levemente e regularmente às oficinas, à biblioteca, e aos outros espaços que integram o polo central da FBAUP. Deixamos de ter as outras mãos, os corpos, os olhares e orientações directas da docente e das equipas técnicas, tocáveis, palpáveis, das experiências multissensoriais, do estar com as matérias no e com o espaço físico concreto. Perdeu-se a partilha dos aromas, das texturas, da pele da Escultura, do acesso ao interior de uma Instalação artística. Perdeu-se o ensaiar composições, individualmente e em conjunto no espaço, no Estúdio de todos e de cada um.

Não foi fácil para nenhum de nós: foi uma experiência irrepitível e única, nem que se seja porque foi a primeira das nossas vidas.

O drama não é o de uma guerra, o de uma espera encerrados em bunker com receio de um tiroteio ou de uma granada, mas afecta emocional e fisicamente, sempre, como uma dor constante sem remédio nem fim definidos. Falta o ar, a possibilidade de respirar como conhecíamos. A vida reconfigurou-se dia-a-dia, semana-a-semana, dependendo também nós, mas igualmente de todos e sem certezas.

Procurámos ampliar a sinestesia, a visão háptica, através de ferramentas e recursos tecnológicos acessíveis e que permitiram colmatar algumas lacunas mantendo as sessões, muitas vezes bem mais longas. Estivemos em grupo e individualmente em atendimentos sem distrações e com outras possibilidades que se acrescentam ao fazer em contacto directo e pessoal. Conseguimos muito, mas muito também faltou ou teve que ser ajustado ou adiado. Considero que aprendemos todos, que crescemos e encontramos outros caminhos e possibilidades, por vezes, sinuosas, com acrobacias e muita imaginação.

Asseguro que, nesta área do conhecimento, não podemos propriamente ensinar sem a presença física e que nem pode ser só assim. Poderei dizer que acrescenta possibilidades, sem qualquer hipótese de substituição.

Deu-se prioridade imediata à atenção a tudo... ao tempo, ao detalhe, ao gesto, mas também ao mundo, ao global, ao que mudou para todos em todos os lugares.

A primeira preocupação foi apelar à imaginação e criatividade, aguçando as emoções, as sensações, sentimentos e sentidos. Foi fundamental não desistir nem perder o ânimo, não permitir que o desânimo, desistência ou que a impotência se apossassem de nós.

No dia 21 de julho gostaríamos de ter estado todos juntos com todos aqueles que quisessem estar também. Como se fosse um **Sopro** de alívio e não um medo e receio do **Sopro**, ou do sussurro.

Quis escrever parte deste texto depois do dia em que voltámos a estar juntos na Faculdade, dia 6 de julho, por necessidade de planear a finalização presencial e os espaços e por um outro que se tornou único: o de nos voltarmos a encontrar. Continuei a escrever até hoje depois da Mostra Curricular **Sopro** e de finalizarmos este ano lectivo.

Abrimos a **Sopro** para nós, às 9h30, e contámos com a Filipa Cruz⁴ que sendo parte da equipa esteve presente, generosamente, e também em outros momentos do confinamento (habitual na escola, mas estranho neste novo formato). Foi uma apresentação em grupo do que cada um foi fazendo e partilhando em plataformas digitais⁵ e que acrescentou e validou testes ensaiados e os restantes de documentos produzidos. Foi o voltar a estar em grupo, na escola, num contacto físico, agora também diferente e estranho, mas com muita alegria, inibida pelos comportamentos sociais que não se podem concretizar, simplesmente sentir, persentir.

Nesta fase final contámos com 3 sessões em 4 dias e com a dedicação de todos, incluindo a equipa do OMuseu, Luís Pinto Nunes e Isabel Gonçalves, sempre disponível e a repetir o que faz com prazer: garantir que, no que depender desta, tudo funcionará e bem. O Luís Nunes é um parceiro de debate e aconselhamento em todas as montagens e produções que promovo na FBAUP. Faz parte da equipa. O Alcides Rodrigues está sempre presente, é

⁴ www.filipacruz.com Artista Plástica, Professora Auxiliar Convidada e docente responsável pela UC Seminários de Metodologias de Investigação II, na qual acompanha o grupo de estudantes das especializações em Escultura e Intermedia.

Neste contexto, temos partilhado dinâmicas que procuram distinguir e simultaneamente, complementar, as relações entre a investigação teórica e o exercício das práticas em Estúdio de Escultura.

⁵ De março até à data de hoje, mantivemos aulas síncronas e assíncronas, troca de emails, WhatsApp em grupo, em turma e, sempre que necessário, individualmente.

da equipa, com apoio incondicional e ágil, com o rigor técnico e pragmatismo que os estudantes lhe reconhecem, e bem. Nos bastidores, nas oficinas, também contámos, sempre que necessário, com o Carlos Lima e o Tiago Cruz.

Depois deste longo e estranho semestre, daquilo que foram estes meses, aconteceu a **Sopro. Mostra Curricular de Estúdio em Escultura. MAP.2020**: o final de um percurso.

No espaço há muita qualidade de ar, de esculturas entendidas nas suas diversas abordagens e abrangências, mas também marcadas pelo que lhes é essencial, ou *ineliminável*, relacionando e citando os pressupostos do plano individual e concretizações escultóricas do Rui Mota. Como se poderá visualizar no vídeo que acompanha este texto e graças à sensibilidade e profissionalismo da Patrícia Viana Almeida, atenta a todos os estudantes e aos planos e olhares que desejaram ver reproduzidos na edição do documento audiovisual.

Não vos vou maçar mais. Já falei muito, já me ouviram muito e eu a vocês, nesta espécie de *vazio que nos habita, com e como corpo*, nas palavras que enunciam o projecto da **Isabel Dores** <https://www.isabeldores.com/>, o peso é muitas vezes insustentável, e o vazio transforma-se em cheio ou em espaço negativo. Nos seus textos podemos ler que a distância é experienciada numa “dualidade do próprio corpo, o corpo e o espaço invisível, e a relação do corpo com o objeto (...). O volume, permeado por um vazio, é desenvolvido e reconhecido pelo aprisionar da matéria. O espaço vazio, perde a sua propriedade estéril e passa a habitar o outro lado: um *nãomundo* de espaços negativos que vagueia entre uma presença e uma ausência do corpo”.

Com aproximações de ordem conceptual mas com um distanciamento enorme na expressão desses corpos no e com o espaço, o corpo resistência da **Letícia Maia** <https://cargocollective.com/leticiam Maia/>, é simultaneamente doce e amargo, em níveis, graus e camadas de leitura, participação e fruição, diversos. “*D Ó C I L_ metáforas do poder. A performance como resistência poético-política*, parte da prática artística autoral onde nos apropriamos da palavra dócil em seus diversos significados, para tomá-la como jogo metafórico na formulação de estratégias estéticas”. A Letícia questiona como “as relações de poder agem nas relações sociais e, conseqüentes influenciam na construção da nossa subjetividade (...). Considerando que a performance, enquanto prática artística, lança um olhar crítico para a sociedade e elabora ações que provocam o imaginário social a repensar possibilidades performativas do corpo, reguladas pelas relações de poder (...) como ato de resistência poético-política”. Um diálogo entre ética e estética, entre o poder, a submissão e a subordinação incorporadas social e culturalmente.

A **Clarice Cunha** www.claricecunha.com.br e a **Pilar Machenna** <http://pilarmackenna.com/>, tiveram, neste período de confinamento, necessidade de incluir no processo e nos trabalhos seu corpo físico visível, o que antes não acontecia. Talvez de passagem e pelas necessidades impostas, que entendo similarmente como abertura a outras possibilidades que ampliam os seus pressupostos e projectos.

Monumental descartável vem com a Clarice e desenvolveu-se desde o início deste ciclo. O trabalho está sempre dependente da experiência vivencial da Clarice no local onde vive e com qual se relaciona: vem dela e das coisas do lugar.

Sumariamente, são composições híbridas que conjugam matérias produzidas pelo ser humano com matérias naturais, nas quais “estabeleço relações de complementaridade e oposição refletindo sobre o ambiente construído a partir da interferência humana”, e através de processos “de reflexão sobre o acúmulo, o consumo, a cultura material da arquitetura local e dos objetos domésticos. Observo o espaço construído da cidade, investigando o diálogo entre matérias (...): um processo de coleta, catalogação, reorganização e resinificação”. As esculturas remetem quer para maquetas que sugerem a escala arquitetónica como para cenários, que se organizam e compõem os espaços, “criando mais camadas de resinificação destes materiais que escolhi trabalhar”.

Por outro lado, a Pilar e as suas *Constelaciones y Derivas*, surgem como *Diagramas para la construcción de un pensamiento visual-objetual*, como enuncia no título do seu plano e projecto de investigação. Para esta estudante chilena que, como a Letícia e a Clarice, atravessaram o Atlântico, “el desafío de ésta investigación, se sitúa en la posibilidad de comprender el vínculo del ser humano, su entorno y los sistemas en los que está inscrito, naturales o urbanos, a través de una especulación visual y material llevada al campo de las artes plásticas” (...) “Es éste ecosistema de interdependencias y gran tejido de experiencias condicionados por un tiempo, espacio y contexto determinado, lo que establece las directrices principales para el desarrollo del trabajo artístico. Por lo tanto, se pretende construir, a través del uso de diagramas y constelaciones, como principal medio de organización, clasificación y asociación de las ideas, éste pensamiento visual y objetual principalmente desde la abstracción de las formas, manufacturadas y/o recolectadas. Es decir, mediante procesos asociativos e intuitivos, relaciones y conexiones de diferentes elementos y materialidades, se intenta extrapolar hacia un territorio instalativo escultórico, la idea de organización y orden del infinito universo de información al que estamos expuestos en la vida contemporánea. Desde el estudio de la percepción hasta las bases de la biología, se reflexiona acerca de la imposibilidad de dissociarnos de otros, de lo que observamos y vivimos, y la implicancia de esto en la práctica artística”.

A subtileza, leveza e apuramento compositivo pela simplicidade formal, são caracterizantes e cunhados por uma delicadeza de gestos e ações contidas nos objectos tridimensionais

com organizações espaciais variáveis, criando diálogos ou conversas entre si, ou permanecendo no tempo através das fotografias.

Para finalizar, faz sentido tentar responder ao que será *O carácter ineliminável da arte* aprofundando estratégias de simplificação formal e processual, proposto pelo Rui Mota <https://www.behance.net/ruimanuelva55a>, e já anunciado neste texto.

Segundo o Rui, trata-se de exercitar, filtrando, e procurando entender o que será imprescindível, na prática e experiência artísticas. “Forma, Conteúdo, Espaço, Tempo e Público são os resultantes pilares cujos primeiros dois e os seguintes três compõem, respetivamente, o que se reconhece por Objeto e Contexto. Este último, que na maioria dos casos continua a ser, pelo menos em parte, ignorado, constitui-se como eixo de investigação analisando a recíproca influência que trava com os Objetos e delineando métodos conscientes de modelar o que não se pode excluir. Do contexto da forma à forma do contexto, explora-se o Espaço, o Tempo e o Público como participantes indispensáveis da equação artística, mediante uma prática, predominantemente escultórica, que se foca na presença do Objeto além dos seus limites físicos”. Não foi fácil, nem para ele nem para nenhum de nós, mas o Rui viu-se perante o repto imposto, e na urgência/vontade em exteriorizar e tornar real, uma procura pelo “apurar como a arte se pode prender ao espaço sem lhe ser exclusiva, como se pode materializar o tempo e como estabelecer a participação corporal do público mesmo sem contacto físico. Trata-se de um trabalho de antecipação, caução e modelação do contágio entre Objeto e Contexto cujos resultados permitem estabilizar o momento de produção artística como um ato em permanência e não, redutoramente, como uma etapa anterior aos Objetos”.

Termino este texto agradecendo o apoio do Director do MAP, Francisco Laranjo, sempre atento e sensível, à Directora da FBAUP, Lúcia Almeida Matos, que, entre tantos assuntos, preocupações e tomada de decisões, ainda teve tempo e entendeu a necessidade da mostra **Sopro** com a garantia do cumprimento de todas as regras.

Aos estudantes, um abraço e um agradecimento pela postura séria, pelas concretizações plásticas de ação comunicante, e, sobretudo, pelo respeito e amor pela Arte em geral e pela Escultura, em particular, enaltecendo, através de empenho e dedicação, as suas diversas dinâmicas, dimensões, e possibilidades de exploração das relações Espaço/Tempo, Matéria, Volume, Escala, Dimensão, Composição, Perenidade/Efemeridade, Corpo/Ação contemplando os desejáveis e benéficos contágios oriundos das mais diversas áreas do conhecimento.

Não foi nada fácil, nada foi simples, mas aconteceu e fica registado dentro de nós como uma conquista.

Testemunho audiovisual Sopro <https://youtu.be/A3CcHGapq7Y>

Sugestão: durante a visualização do *testemunho audiovisual* que acompanha este texto, dedique igualmente atenção aos títulos ou nomes atribuídos, pelos estudantes, às suas materializações plásticas.

FBAUP, 27 julho 2020

Rute Rosas

www.ruterosas.com

Regente e Docente da UC Estúdio em Escultura

Membro da Comissão Científica do MAP

Professora Auxiliar Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. FBAUP

PhD A. Professor

Membro Integrado CITCEM

Membro Colaborador I2ADS

Artista Plástica – Escultora